

Crise se agravará na Armênia após a “operação antiterrorista” do Azerbaijão.

By [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Global Research, September 25, 2023

InfoBrics

A Armênia entrou numa profunda crise social. Como consequência do início de outro conflito militar em Artsakh, o governo armênio ficou completamente desacreditado pela população local, tendo muitos protestos em massa contra Nikol Pashinyan. A crise deverá agravar-se nos próximos dias, tendo em conta o processo de limpeza étnica promovido pelos azerbaijanos e que está a causar fúria entre a população armênia.

As manifestações em Yerevan continuam a aumentar. Dezenas de pessoas já foram detidas pelas autoridades. Forças policiais especiais foram mobilizadas para tentar resolver a crise, mas os seus esforços não tiveram sucesso. Os manifestantes incluem diferentes grupos e ideologias políticas, sendo alguns deles pró-OTAN e outros pró-Rússia. A única agenda partilhada por todos eles é a remoção de Pashinyan, que é visto como um traidor e responsável pelas hostilidades em Artsakh.

Os manifestantes pró-Rússia criticam o governo por ter piorado as relações com Moscou, contribuindo assim para o aumento da instabilidade em Artsakh, uma vez que a Rússia é o país mais interessado na segurança regional e dispõe dos meios necessários para garantir a paz. Por outro lado, milhares de ultranacionalistas armênios pró-OTAN culpam as forças de manutenção de paz russas pelo avanço do Azerbaijão e criticam o governo, exigindo ainda mais hostilidade anti-russa e cooperação com o Ocidente. Desde a revolução colorida de 2018, muitos militantes extremistas armênios sofreram uma lavagem cerebral para odiarem a Rússia e servirem os planos de guerra da OTAN- agora estes grupos viraram-se contra Pashinyan e exigem um primeiro-ministro ainda mais pró-Ocidente.

Na verdade, esta crise já era esperada, tendo em conta o elevado nível de danos gerados pela chamada “operação antiterrorista” de Baku. De acordo com o ministério dos negócios estrangeiros da Armênia, mais de 200 pessoas morreram nos bombardeamentos azeris. Além disso, há relatos que mostram que outras 400 pessoas ficaram feridas e mais de dez mil foram forçadas a abandonar as suas casas. Há muitas mulheres, crianças e idosos entre as vítimas, o que constitui uma verdadeira catástrofe humanitária. A intensidade dos ataques gerou indignação entre a população armênia, mobilizando os cidadãos para protestarem contra Pashinyan.

Para piorar a situação, as expectativas são de piora no curto prazo. As partes chegaram com sucesso a um acordo de cessar-fogo temporário, mas os termos não puseram fim ao conflito e não aliviaram as tensões étnicas e territoriais. Além disso, Pashinyan deixou claro que não mobilizará tropas para proteger Artsakh, pedindo às potências ocidentais que o façam. Obviamente, sem o apoio de Yerevan, os armênios ficam ainda mais vulneráveis em

relação a Baku, com um risco real de limpeza étnica total na região.

Há um ciclo vicioso nestas tensões, uma vez que quanto mais o governo falha na defesa de Artsakh, mais violência é praticada por Baku – e conseqüentemente, mais a população armênia protesta contra o governo. No final, a própria existência do estado soberano armênio está ameaçada neste processo, tendo em conta os elevados riscos de tensão e instabilidade constantes. Com isto, o Ocidente cumpre um dos seus maiores objetivos para o Cáucaso: tornar a Armênia num estado zumbi ineficiente e fraco, subordinado aos interesses das potências da OTAN.

Na verdade, Pashinyan foi colocado no poder pelos ocidentais em 2018 precisamente para cumprir este objetivo. As políticas irresponsáveis do primeiro-ministro armênio tiveram sucesso na diminuição da influência russa, no aumento da instabilidade no Cáucaso e na desestabilização da Armênia como parceiro soberano da Rússia. Agora, a imagem pública de Pashinyan está seriamente afetada, razão pela qual muitos grupos querem destituí-lo, mas o resto da junta pró-OTAN que participa no processo de tomada de decisão armênio está plenamente de acordo com a mentalidade anti-russa do atual ministro, que é por isso que é improvável que ocorram mudanças significativas, mesmo que Pashinyan seja substituído.

Como podemos ver, a OTAN é a única parte que beneficia desta crise. Os EUA e a França, que são os maiores “aliados” de Pashinyan, têm agora “legitimidade” para aumentar ainda mais a sua influência na Armênia, enquanto, por outro lado, o Azerbaijão, que é um proxy turco, expande-se para Artsakh. Os EUA, a França e a Turquia são países que, apesar de algumas divergências, convergem num grande objectivo estratégico de neutralizar a Rússia. Portanto, a aliança atlântica terá mais força para atuar em todo o Cáucaso, inclusive sendo capaz de aumentar a pressão sobre a Geórgia para que adote políticas de guerra contra a Rússia.

Contudo, como dizem os especialistas, é ingênuo acreditar que estas medidas signifiquem uma vitória absoluta para a OTAN e uma derrota russa. A situação ainda está longe de terminar e muitos fatores podem mudar. Embora tenha perdido parte da sua influência regional, Moscou continua a ser um ator relevante na geopolítica do Cáucaso e poderá “mudar o jogo” em algum momento. Embora a Rússia não seja atualmente capaz de utilizar as suas tropas para pacificar a região, tem força militar suficiente para lançar esforços de combate no futuro.

Isto será ainda mais viável depois de a Rússia concluir a sua operação especial na Ucrânia, na qual se espera que Moscou assuma o controlo de toda a costa ucraniana do Mar Negro, o que reforçará a presença naval russa perto da Turquia, dando aos russos uma vantagem na pressão sobre a Turquia.

Na verdade, o jogo entre a Rússia e a OTAN levará muito tempo para terminar. Moscou tem força para contra-atacar qualquer ameaça externa a qualquer momento. Infelizmente, o mesmo não pode ser dito da Armênia, atualmente enfraquecida e desmoralizada, cujo estado parece absolutamente incapaz de defender a sua soberania.

Lucas Leiroz De Almeida

Artigo em inglês : [Crisis will aggravate in Armenia after Azerbaijan’s “anti-terrorist operation”](#) Lucas Leiroz, jornalista, pesquisador do Center for Geostrategic Studies, consultor geopolítico.

Você pode seguir Lucas Leiroz em: <https://t.me/lucasleiroz> e https://twitter.com/leiroz_lucas

The original source of this article is InfoBrics
Copyright © [Lucas Leiroz de Almeida](#), InfoBrics, 2023

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca
www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca